



## A EMULAÇÃO DE VALORES EM CERIMÔNIAS ESPORTIVAS ESCOLARES

Ana Gabriela Alves Medeiros  
Thaise Ramos Varnier  
Fernanda Gonçalves Rios  
Etyelle Laurindo Ribeiro  
Guilherme Ferreira Santos  
Otávio Guimarães Tavares da Silva

### RESUMO

*A teoria sociológica aponta que todas as sociedades constroem formas de celebração de seus valores e identidade. Segundo autores como DaCosta (2000) e MacAloon (1984), os Jogos Olímpicos – um dos eventos de maior dimensão mundial – pautam-se em valores da modernidade ocidental e, desta forma, celebram tais valores através das cerimônias. Ao nos aproximarmos do âmbito escolar, identificamos um elevado número de “jogos” e/ou “olimpíadas”. Torna-se perceptível que, direta ou indiretamente, estes jogos baseiam-se no modelo olímpico, pois há presença de fogo simbólico, bandeiras, juramentos, dentre outros elementos que constituem os rituais olímpicos. Deste modo, tivemos por objetivo analisar os sentidos, significados e valores envolvidos na realização de jogos escolares, com ênfase em suas cerimônias de abertura. Além disso, buscamos compreender as razões que orientam os professores a organizarem estas competições. Para tanto, foram realizadas observações em duas cerimônias de abertura e entrevistas com os professores organizadores das competições. As cerimônias esportivas escolares foram analisadas como um ritual secular que emula os valores olímpicos, entretanto, de forma singular. Considerando o relativismo axiológico em que vivemos estas apropriações singulares, baseadas na realidade local, coexistem com a emulação de um modelo que se propõe universal.*

**Palavras-chave:** Valores. Cerimônias esportivas. Ritual secular.

### ABSTRACT

*Sociological theory suggests that all societies create ways of celebrating their values and identity. According to authors such as DaCosta (2000) and MacAloon (1984), Olympic Games - one of the larger world events - are guided by values of the western modernity and, thus, celebrate these values through ceremonies. Stepping by the school context, a high number of “games” and/or “Olympics” might be identified. It is noticeable that, directly or indirectly, these Games are based in the Olympic model, since there are the symbolic fire, flags, oaths, among other elements which constitute the Olympic rituals. Thus, we aimed to analyze the meanings of values evolved in the realization of these school games, focusing in the opening ceremonies. Moreover, we intended to understand the reasons which guide teachers to organize such competitions. For doing so, two schools ceremonies were observed and interviews were made with teachers who organized the competitions. Each school sportive ceremonies were analyzed as a secular ritual which emulates Olympic values, however, singularly. Considering the*



*axiological relativism in which we live, these singular appropriations, based in local reality, coexist with the emulation of a model which propose be universal.*

**Keywords:** *Values. Sportive ceremonies. Secular ritual.*

## RESUMÉN

*La teoría sociológica sugiere que todas sociedades crean formas de celebración de sus valores e identidad. De acuerdo con autores como DaCosta (2000) y MacAloon (1984), Juegos Olímpicos – uno de los eventos más grandes del mundo – se guían en los valores de la modernidad occidental y, por eso, celebran estos valores a través de ceremonias. Al acercarnos al contexto escolar, hemos identificado un gran número de "juegos" y/o "olimpiadas". Es evidente que, directa o indirectamente, estos juegos se basan en el modelo olímpico, ya que la presencia del fuego simbólico, banderas, juramentos, entre otros elementos que componen los rituales olímpicos. Así, el objetivo fue analizar los sentidos, significados y valores implicados en la fabricación de los juegos escolares, con énfasis en la ceremonia de apertura. Además, buscamos entender las razones que guían los profesores para organizar estos juegos. Para esto, dos observaciones se hicieron en la apertura de las ceremonias y entrevistas con los organizadores. Las ceremonias fueron analizadas como un ritual secular que emula el valor olímpico, pero, de forma singular. Teniendo en cuenta el relativismo axiológico en que vivimos, esta emulación, con base en la realidad local, coexiste con la emulación de un modelo que si propone universal.*

**Palabras clave:** *Valores. Ceremonias deportivas. Ritual secular.*

## INTRODUÇÃO

A sociedade é organizada por um conjunto de categorias, classificações, formas e valores que é relativamente definido e compartilhado. De acordo com a teoria sociológica, todas as sociedades constroem formas de celebração de seus valores e identidade. Nesse sentido, podemos compreender valores como “critérios que permitem julgar a realidade, em predisposições que orientam sua conduta e em normas que a pautam” (PUIG, 1998, p. 24). Isto significa que valores regem atitudes e comportamentos dentro de uma comunidade<sup>1</sup>.

Segundo Durkheim (1989, p. 505), “não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de conservar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que constituem a sua unidade e a sua personalidade”. Desta forma, os rituais – celebrações especiais de cunho simbólico – tornam-se um ambiente profícuo para analisar a ação social realizada no contexto de visões de mundo compartilhadas.

Peirano (2002, 2003) compreende os rituais como um fenômeno social peculiar de diferentes naturezas – profanas, religiosas, festivas, formais – que combina palavras e ações de forma flexível. Os rituais parecem partilhar alguns traços: uma ordenação que os estrutura, um sentido de realização coletiva

<sup>1</sup> Entretanto, vale salientar que somos detentores de um mundo pessoal de valores e estes se encontram interligados com um mundo coletivo.



## IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

como propósito definido e também uma percepção de que eles são diferentes dos atos do cotidiano. A autora, porém afirma que o ritual revela o que está presente no cotidiano de um determinado grupo, realçando e ampliando um arcabouço de ideias e valores que lhes são comuns, e seriam difíceis de discernir de outra forma.

Neste contexto, autores como DaCosta (2000), MacAloon (1984) e Klausen (1995) afirmam que os Jogos Olímpicos (JO) – um dos eventos de maior dimensão mundial – estão entre as formas de ritualização de valores da modernidade mais conhecidas e influentes. As cerimônias de abertura, premiação, encerramento, juntamente com seus elementos (pira, tocha, bandeiras, dentre outros) compõem os rituais realizados durante os Jogos Olímpicos.

Reconhecidamente, o esporte é um ambiente profícuo para a educação em valores. Assim, não parece ser surpresa observarmos com frequência um elevado número de “jogos” e “olimpíadas” escolares. Com efeito, os Jogos Olímpicos como referência central de competição é tão evidente que o termo ‘olimpíada’ denomina, inclusive, competições sem relações com o esporte, como as competições de conhecimentos (olimpíadas de matemática, física, soletração e etc.). Na esfera esportiva, a quantidade desses “jogos” se expande, abrangendo competições poliesportivas desde níveis comunitários até mundiais.

Ao nos aproximarmos de uma das nossas realidades profissionais (o âmbito escolar), podemos perceber que o fenômeno esportivo adquire uma forma bastante consistente no que se refere ao desenvolvimento de “jogos” e/ou “olimpíadas”. Torna-se perceptível que, direta ou indiretamente, estes jogos baseiam-se no modelo olímpico, pois há a presença de uma chama “simbólica”, desfile de equipes ou delegações, hasteamentos de bandeiras, juramentos, hinos, dentre outros elementos que constituem tais cerimônias. Podemos dizer que estes rituais, ao emularem o modelo olímpico, realizam um fenômeno de “transvalorização” (Tambiah apud Peirano, 2002). Ou seja, são momentos liminares nos quais elementos do ritual ganham um valor que transcende sua materialidade imediata, constituindo uma cosmologia que, de alguma maneira, vincula aquelas cerimônias locais ao seu referente olímpico<sup>2</sup> e seus valores proclamados.

Segundo Hall (2000), as sociedades contemporâneas lidam de forma múltipla e flexível com valores. Se considerarmos a pluralidade e a diversidade características destas sociedades, desconstrói-se a possibilidade de uma pretensa universalidade normativa de valores, estabelecendo assim relações que tendem a respeitar as singularidades subjetivas. Do mesmo modo, diversos autores têm examinado o fenômeno esportivo no âmbito de mudanças contemporâneas no sentido de considerá-lo como portador de um caráter “multicultural”, (subjetivamente determinado) (STIGGER, 2002) ou como um “sistema aberto” com escassa identidade própria (HEINEMANN; PUIG, 1991), sendo, portanto, sujeito a um conjunto mais variado e contextualizado de valores.

Desta forma, a emulação dos valores ritualizados no maior evento esportivo mundial (JO) se torna complexa no contexto de sociedades cada vez mais plurais que agregam diferentes símbolos e significados à prática esportiva. Tendo em vista estas considerações, é possível conceber, *a priori*, um ambiente ambivalente no que concerne às aproximações e deslocamentos entre os Jogos Olímpicos e seus rituais como referência e os jogos realizados no ambiente escolar como sua emulação. Nesse sentido, é relevante conhecer como os valores ritualizados nos JO são apropriados no âmbito local. Assim, tivemos por objetivos analisar os sentidos, significados e valores envolvidos na realização dos “jogos” e

<sup>2</sup> Os Jogos Olímpicos da era moderna.



“olimpíadas” escolares, com ênfase em suas cerimônias de abertura. Além disso, buscamos compreender as razões que orientam os professores a organizarem estas competições.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho se caracteriza como um estudo qualitativo de cunho etnográfico. Para a coleta de dados foram realizadas as seguintes etapas: [1] observação das cerimônias de abertura e das competições com utilização de um diário de campo (JACCOUD; MAYER, 2008); [2] entrevistas de tipo de elite com os professores organizadores das competições (RICHARDSON, 1999).

As informações utilizadas nesta pesquisa pertencem a uma base de dados do Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (CESPCEO), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tal grupo planejou, organizou e executou uma investigação em dois jogos esportivos de duas escolas, os quais serão denominados de Jogos “A” e “B”.

A escola A localiza-se em Vila Velha (ES), enquanto a escola B está situada no município de Vitória (ES). Ambas pertencem à rede de ensino particular e possuem caráter confessional. A definição das escolas foi intencional, tendo por critérios a autorização de acesso aos Jogos e a realização de cerimônias elaboradas de abertura dos mesmos. A seleção dos professores entrevistados correspondeu ao critério de participação e envolvimento na organização do evento.

Com as devidas autorizações foram realizadas observações de campo durante as cerimônias de abertura dos eventos. Posteriormente, foram agendadas e realizadas as entrevistas com os professores.

A cerimônia de abertura dos Jogos A ocorreu na quadra poliesportiva da escola no dia 19 de junho de 2010 às 9h, e contou com a participação dos alunos de 5ª à 8ª série. Já a competição B envolveu cinco escolas que pertencem à mesma rede de colégios das cidades de: Ubá (MG), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG) e Vitória (ES), a qual sediou o evento. A abertura desta competição aconteceu no dia 18 de agosto de 2010 por volta das 19h no ginásio do colégio.

A observação sistemática considerou duas dimensões básicas: o contexto - suas diversas camadas narrativas (organização dos espaços, decoração, roteiro dos eventos, elementos presentes nos rituais, músicas, coreografias, falas e discursos e etc.) - e os sujeitos (participação, indumentárias, ações e interações). A interpretação dos dados foi realizada a partir da concepção apreendida acerca das cerimônias esportivas enquanto rituais seculares que emulam valores. Deste modo, verificamos como se apresentam as dramatizações de valores orientadores de sociabilidade em face das tensões entre o caráter normativo da competição esportiva e o apregoado relativismo axiológico em que vivemos.

## **RITUAIS SECULARES: perspectivas conceituais**

A ideia de ritual que transita entre o senso comum o aponta como algo definido e imutável, realizado para celebrar momentos especiais, desprovido de conteúdo, e prioritariamente ligado à esfera religiosa. Inicialmente, muitos antropólogos também partilhavam desta visão, mas, a partir da percepção de que havia uma racionalidade dentro dos rituais, autores como Mauss e Durkheim se distanciaram desta abordagem, ou ao menos, inovaram esta concepção estabelecida entre ritual, magia e religião, (PEIRANO, 2003).

Em *As formas elementares da vida religiosa* (1989), Durkheim analisa sociologicamente a religião, sua ligação com as estruturas sociais que explicam o seu desenvolvimento. Para Durkheim,



rituais são atos de sociedade, através dos quais ela toma consciência de si, se recria e se afirma, criando um corpo de valores socialmente partilhados. Para Peirano (2003), rituais são determinantes da vida em sociedade, e necessitam de uma comunidade moral relativamente unida em torno de determinados ideais.

Vale salientar que, segundo Rodolpho (2004, p. 140), “os rituais podem ser seculares ou religiosos, e ambos mostram o invisível: enquanto os rituais seculares demonstram as relações sociais (civis, militares, éticas, festivas), os sagrados evidenciam o sagrado, o transcendente”. Nesse sentido, proposições que *a priori* parecem antagônicas como o ritual e o secular, não o são.

Sabe-se que os rituais são momentos de intensificação daquilo que é usual em determinada sociedade, e nesse sentido, partilham de alguns traços formais e padronizados. Entretanto, estes traços são variáveis, uma vez que o ritual não é algo imutável, pois, funda-se também em constructos ideológicos singulares.

Ao longo dos anos, diversos cientistas sociais buscaram uma definição para o ritual. Entretanto, de acordo com Peirano (2003, p. 9), a definição de ritual é relativa, nunca absoluta ou *a priori*, logo, “ela precisa ser etnográfica, isto é, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa”. Cabe ao pesquisador a percepção daquilo que é considerado um evento especial, crítico e não-cotidiano para os nativos, o que não implica uma ausência de racionalidade.

A racionalidade dos rituais se caracteriza por aspectos inerentes a eles, e que não podem ser classificados de acordo com a lógica instrumental entre meios e fins. Deste modo, designações como falso ou errado em um sentido causal não devem ser utilizadas na análise de rituais, mas, sim, impróprio ou inválido, considerando seus objetivos (persuasão, expansão de significado, conceituação) e seus critérios de adequação (validade, pertinência, legitimidade) (Tambiah apud Peirano, 2002).

Apesar de não haver uma compreensão fixa e canônica sobre o ritual, os estudos contemporâneos baseiam-se no aporte conceitual de Stanley Tambiah. Tal definição é apresentada e acrescida de exemplos cotidianos por Peirano (2003, p. 11)

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo].

De acordo com Peirano (2003) esta é uma definição operativa de ritual que reúne aspectos fundamentais para uma conceituação. Essa ideia orienta a discussão dos rituais como domínios que não podem ser divorciados da vida social, considerando-os como eventos críticos de uma sociedade.

Assim, Peirano (2002, p. 8) afirma que “se há uma coerência na vida social como nós antropólogos acreditamos, então o tipo de análise que se aplica a rituais também serve a eventos.” Neste



contexto, destacamos o estudo do antropólogo John MacAloon (1984) que analisa um dos eventos com maior visibilidade mundial – Jogos Olímpicos – como uma performance cultural ramificada.

Ao desenvolver uma Teoria do Espetáculo, MacAloon (1984) aponta que os JO são constituídos por diversos gêneros performativos e dentre eles os mais significativos são: o espetáculo, o festival, o ritual e o jogo. Enfatizamos a dimensão ritual para compreender as cerimônias esportivas, sejam elas olímpicas ou não, como um contexto em potencial para análise de um determinado grupo e o que eles celebram enquanto valores.

## **AS CERIMÔNIAS ESPORTIVAS COMO RITUAIS SECULARES**

A antropologia tradicional privilegiou o estudo de sociedades “tribais”, nas quais os jogos vinculados às práticas corporais (correr, saltar, lançar, lutar...) eram, de fato, rituais sagrados. A vinculação destas práticas ao sagrado em outros contextos parece ter contribuído para que se negligenciasse a compreensão das mesmas como rituais relevantes para o estudo das sociedades contemporâneas (MacALOON, 1984).

A compreensão das práticas corporais como “culto secular” deriva de avanços e rupturas ao longo do desenvolvimento do pensamento social moderno, que perpassam o entendimento de que a humanidade não pode ser concebida apenas a partir da racionalidade técnica-instrumental.

O sociólogo francês Émile Durkheim é um dos responsáveis por essa mudança de paradigma. Para Durkheim (1989), a razão não é o único meio que pode guiar a humanidade, os grupos sociais necessitam, continuamente, conservar e reafirmar a ideologia coletiva que os constituem enquanto unidade e formam sua individualidade.

MacAloon (1984) inaugura um modelo teórico que parece se aproximar desta perspectiva apontada por Durkheim. Na denominada Teoria do Espetáculo, MacAloon reconhece em uma manifestação esportiva (os Jogos Olímpicos) uma dimensão ritualística de natureza secular, na qual a sociedade celebra seus ideais coletivos no sentido de reafirmar valores (contar histórias de si, para si mesmo).

O referido autor identificou que as cerimônias olímpicas são estruturadas de acordo com a concepção de “ritos de passagem”<sup>3</sup>. Nesse sentido, o autor opera com o conceito de liminaridade (transição), em que demarca momentos das cerimônias de abertura, premiação e encerramento e suas respectivas representações, como sintetizado no quadro 1.

**Quadro 1 – As cerimônias olímpicas e suas representações segundo MacAloon (1984)**

CERIMÔNIAS	REPRESENTAÇÕES
------------	----------------

<sup>3</sup> MacAloon assume que esta é uma apropriação feita a partir do clássico esquema de Arnold van Gennep. Arnold van Gennep foi um dos primeiros autores a adotar os rituais como objeto de estudo em si, propondo uma classificação dos mesmos segundo o papel que desempenhavam na sociedade e analisando suas partes constitutivas. Van Gennep realizou um estudo sobre os “ritos de passagem” (título de seu principal livro), os quais eram definidos como “[...] aqueles momentos relativos à mudança e à transição (de pessoas e grupos sociais) para novas etapas de vida e de status” (PEIRANO, 2003, p. 22).



CERIMÔNIA DE ABERTURA	Revezamento e acendimento da tocha	Rito de separação da vida cotidiana que evidencia a justaposição de símbolos nacionais e símbolos do “transnacional”, da comunidade humana, Olímpica
	A bandeira e o hino Olímpico	Símbolos da comunidade olímpica são posicionados hierarquicamente acima de qualquer símbolo nacional.
	Programação artístico-cultural	Espetáculo, atmosfera festiva é dominante
CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO	Premiação e execução do hino nacional	Rito de intensificação (para o público) Rito de seleção e iniciação (para os atletas)
CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO	Os atletas entram no estádio sem suas bandeiras nacionais, uniformes, etc.	Uma expressão simbólica do sentido de “humanidade”; Enfatizam-se os laços de amizade e respeito

A partir destes delineamentos, MacAloon (1984) tenta demonstrar que nas cerimônias olímpicas coexistem as identidades estruturais do indivíduo, da nação e da humanidade. No entanto, estas identidades não se sobrepõem umas às outras, sendo ora enfatizadas, ora diminuídas.

A configuração específica das cerimônias olímpicas favorece a disseminação dos pressupostos ideológicos concebidos por Pierre de Coubertin (idealizador dos JO modernos), os quais consistem, em linhas gerais, no culto à humanidade e celebração de valores da modernidade ocidental, tidos como valores universais. A ideia é que o JO dramatizam, ao mesmo tempo, coletividades e individualidades, como constata o antropólogo Roberto DaMatta (2006).

A comparação sobre as diferentes formas como valores universais e locais são articulados em duas competições internacionais (os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol) que DaMatta fez é produtiva para os objetivos deste trabalho

Um dos pontos mais salientes do contraste entre os Jogos Olímpicos e o Campeonato Mundial de Futebol fala do modo pelo qual cada um desses ritos esportivos elabora o elo entre universal e o local. Campeonatos mundiais e Olimpíadas são ocasiões onde o ideal de igualdade universal é dramaticamente elaborado e celebrado. Só que cada um desses cerimoniais faz isso concretamente (vale dizer, culturalmente) a seu modo (DaMatta, 2006, p. 189).

Para este autor, os JO ritualizam o atleta como a expressão do individualismo, porém, com uma tendência igualitária. DaMatta (2006) ressalta ainda que os JO reúnem ritos universalistas (as cerimônias de abertura e encerramento) e ritos cívico-nacionalistas (as cerimônias de premiação). Valores como a fé, a vontade pessoal (mobilizada pela coletividade) e a técnica se misturam em proporções variadas e em ocasiões diferentes. Além disso, durante o momento festivo dos Jogos, valores do país sede são realçados.

Por outro lado, a Copa do Mundo também ritualiza o universal, no entanto, a construção do universalismo se faz por meio das singularidades, equipes reunidas para disputar uma única modalidade



esportiva. Neste contexto, os ritos cívico-nacionalistas se sobressaem, uma vez que a parte cerimonial da Copa do Mundo se reduz ao hasteamento das bandeiras e a execução do hino nacional dos países participantes.

A partir da análise feita por DaMatta (2006), podemos inferir que nos JO o local e o nacional são englobados pelo universal. Em contrapartida, apesar de também existir um caráter universalista na Copa do Mundo, ele se encontra envolto na esfera singular dada pela prática de um esporte específico.

Tais considerações deslocadas para o ambiente peculiar dos “jogos” e “olimpíadas” escolares, especialmente aquelas que são emolduradas no modelo olímpico, nos remetem a questionamentos como: quais são os sentidos e significados atribuídos a estes jogos esportivos escolares? Que valores estas competições e seus rituais emulam? Como se estabelecem suas especificidades?

### **A EMULAÇÃO DE VALORES NAS CERIMÔNIAS ESPORTIVAS ESCOLARES**

As observações realizadas nas cerimônias dos Jogos A e B partiram de um roteiro que compreendia a análise do contexto e dos comportamentos. Na análise do contexto o foco estava estabelecido na descrição do local, dos elementos presentes na abertura – e como estes se apresentavam – e a descrição dos procedimentos. No que tange a análise comportamental, privilegiamos as ações e atitudes dos alunos e professores que participaram do ritual, e do público em geral.

As entrevistas com os professores organizadores envolveram questões acerca do planejamento da cerimônia, dos sentidos e significados atribuídos aos elementos olímpicos, da relevância do evento e como são inseridos os valores da escola dentro das cerimônias.

A confirmação da validade do pressuposto de emulação das cerimônias olímpicas nas cerimônias escolares foi estabelecida por meio de uma checagem descritiva dos elementos do protocolo olímpico presentes na cerimônia escolar tendo referência os critérios apresentados por Todt (2009) e a Carta Olímpica (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2004). De acordo com a Carta Olímpica<sup>4</sup>, há 12 elementos que compõem o protocolo olímpico das cerimônias de abertura: desfile das delegações participantes, discurso do presidente do Comitê Organizador, chefe de Estado declara abertos os Jogos, hino dos Jogos, entrada e hasteamento da bandeira dos Jogos, chegada da tocha ao estádio, acendimento da pira, pombos simbolizando a paz, juramento dos atletas, juramento dos árbitros, hino nacional do país sede e programa artístico. Os elementos olímpicos identificados nas cerimônias escolares foram descritos no quadro 2.

**Quadro 2 – Elementos olímpicos nas cerimônias esportivas escolares**

<b>PROTOCOLO OLÍMPICO</b>	<b>JOGOS A</b>	<b>JOGOS B</b>
<b>Desfile das delegações</b>	As equipes eram representadas por cores	Cada delegação possuía um elemento representativo
<b>Chefe de Estado declara abertos os Jogos</b>	Diretor da escola	Diretora do Colégio anfitrião

<sup>4</sup> Leis e regulamentos que regem a organização e o funcionamento do Movimento Olímpico e dos Jogos Olímpicos.



<b>Discurso do presidente do Comitê Organizador</b>	Pedagoga da escola	Personalidade religiosa mais antiga da rede de colégios
<b>Entrada e hasteamento da bandeira dos Jogos</b>	Entrada das bandeiras do Brasil, do Espírito Santo, de Vila Velha e da escola. Além disso, neste momento os alunos entraram com bandeiras dos países que iriam disputar a Copa do Mundo de Futebol	Alunos entram com a bandeira dos Jogos da escola
<b>Chegada da tocha e acendimento da pira</b>	Aluno da 8ª série entra com a tocha e acende a pira	Apresentação coreografada do ritual que antecede o revezamento da tocha até o acendimento da pira
<b>Pombos simbolizando a paz</b>	A paz é mencionada no momento de oração	Foram distribuídos lenços brancos para o momento “Canção de Paz”
<b>Juramento dos atletas</b>	Após o momento de oração	Após o momento de oração
<b>Hino nacional do país sede</b>	Hino Nacional Brasileiro	Hino Nacional Brasileiro
<b>Programa artístico</b>	Apresentações das escolinhas de dança, GRD e esportes	Apresentações artísticas e teatralizações para celebrar o centenário da rede de colégios no Brasil

Embora em momentos distintos, os elementos que compõem o protocolo olímpico apareceram nas cerimônias observadas. Alguns destes elementos sofreram uma ressignificação, a exemplo da simbolização da paz, no entanto, outros foram reproduzidos em sua integridade em ambas as cerimônias, como o juramento dos atletas e o hino nacional.

De acordo com os entrevistados, todo ano há um tema específico para as cerimônias de abertura. Nas cerimônias em questão, os temas eram “No ritmo da Copa” (referindo-se à Copa do Mundo de Futebol) na escola A e o centenário da rede de colégios no Brasil para escola B. Nesse sentido, os organizadores tem que agregar a temática proposta aos elementos olímpicos pré-definidos das cerimônias de abertura.

“Eu fui pesquisar os Jogos Olímpicos na sua origem, fui procurar [...], todo ano tem uma demanda de tema [...] eu queria mostrar a questão dos Jogos Olímpicos, os símbolos mais marcantes, a ideia de que o esporte conduz a paz, e essa história do colégio, deles aqui no Brasil. Então tudo isso a gente tinha que colocar dentro de uma salada só...” (Professor 1, escola B)



A presença de elementos olímpicos na cerimônia escolar torna o evento relevante para os alunos na concepção dos professores, uma vez que os significados destes elementos se encontram atrelados à grandiosidade dos JO. Além disso, estes aspectos parecem ser indispensáveis a uma cerimônia esportiva, vinculando-as a uma característica de seriedade.

“O juramento é de praxe, não tem como não ter. Eu até faria, se um dia eu pudesse, faria de uma maneira diferente, mas teria essa questão daquele momento que eles juram e que eles se comprometem. [...] A educação física faz questão da presença desses elementos que para eles são elementos oficiais da abertura de qualquer jogo, digamos assim né. [sic][...] Então, eu quis manter aqueles elementos até porque eles tem um significado para os alunos.” (Professor 1, escola B)

Podemos compreender tal vinculação segundo o entendimento de Peirano (2002), ao afirmar que o ritual possui uma eficácia social em que há uma associação de idéias vinculadas à produção de crenças. Sendo assim, ao relacionar os rituais escolares aos rituais dos JO, estabelece-se também uma relação com os apregoados valores olímpicos em sua abrangência.

Apesar de disseminar valores “olímpicos”, para os professores entrevistados, os valores da escola também estavam inseridos nas cerimônias de abertura. Entretanto, houve dificuldade por parte dos organizadores em distinguir os valores da instituição e os valores do esporte no âmbito educacional.

Este fato pode ser explicado a partir da concepção durkheimiana de que quanto mais complexas são as sociedades, mais genéricos são seus valores, o que possibilita que uma maior parcela de indivíduos a elas pertencentes se identifique e constitua sua cosmologia. Vale salientar ainda, que ambas as escolas são confessionais, assim, a emulação dos JO está condicionada a este fator religioso e aos valores orientadores de tais doutrinas. Este é um ponto marcadamente distinto entre as cerimônias olímpicas e as escolares, uma vez que o ritual olímpico é secular, enquanto que, tanto na cerimônia A quanto na B, havia a presença de imagens sagradas (escola B) e/ou momentos destinados à oração e ao proselitismo religioso<sup>5</sup> (escolas A e B).

A organização das competições escolares (A e B) é composta por uma equipe multidisciplinar envolvendo professores de educação física, arte, geografia, pedagogas, dentre outros. As ações destes profissionais, muitas vezes, já se encontram demarcados, a exemplo dos professores de educação física que, geralmente, se responsabilizam pela confecção das tabelas das competições e os professores de arte pelo planejamento das cerimônias do evento.

“Há dois meses atrás nós planejamos os eventos da escola. E este ficou encarregado com a coordenação, a pedagoga da escola e mais os professores de educação física.” (Professor 2, escola A)

“Como eu trabalho com as artes cênicas, tem as artes visuais que cuida da decoração que são professoras do fundamental II e ensino fundamental I, elas trabalharam junto com a gente na concepção, na decoração do ginásio. E toda a equipe de educação física com as tabelas de jogos, organização da divisão, essa parte toda.” (Professor 1, escola B)

<sup>5</sup> No caso específico da escola A houve a leitura de um trecho da Bíblia seguido de um sermão por parte do Pastor que dirige a escola.



## IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Em geral, apesar dos atores envolvidos na organização dos Jogos possuírem percepções e entendimentos diferentes sobre o esporte, há uma consonância com relação aos sentidos, significados e relevância deste evento e suas cerimônias. A dimensão instrumental da competição é enfatizada, elegendo-a como um meio para educação, sociabilização e confraternização. Para estes professores, o esporte promove o desenvolvimento dos alunos, enfatizando temas como disciplina, respeito, independência, responsabilidade, entre outros. Estes aspectos privilegiam um papel positivo-funcional para o esporte dentro do processo educativo isento de qualquer crítica que evidencie a crença em atributos ‘naturais’ do esporte.

“Primeiro é uma forma de confraternizar, a escola sempre pensa dessa forma, [...] um momento de descontração [...]. E trabalhar valores que nem sempre na sala de aula são possíveis de se trabalhar, até porque ganhar e perder é muito importante. Porque a gente aprende naquele momento dentro do esporte, mas a vida toda vai ser assim, existe momento em que tudo vai dar certo, vai ter momento que nada vai dar certo. É uma preocupação da escola. E o esporte favorece a convivência.” (Professor 1, escola A)

A partir deste discurso, percebe-se que os valores do esporte, em sua generalidade formal, são reproduzidos nas cerimônias escolares. Por exemplo, em ambas as escolas os discursos sobre paz e união (ideais olímpicos amplamente difundidos e nos JO’s simbolizados pelas pombas<sup>6</sup>) estiveram presentes. Porém, dado ao caráter religioso das escolas, ao contrário dos rituais seculares, se entende que sua celebração se dá principalmente no momento de oração.

“Aquele momento de homenagem não foi só para falar sobre a paz, que na questão [sic] a menina representava o anjo, como se fosse o anjo da paz, ou uma pomba como vocês quiserem definir a paz, seria a pomba da paz.” (Professora 1, escola B)

Na cerimônia da escola B, estes valores (paz e união) foram ressaltados durante a “Canção de Paz”, onde o público também participou, erguendo lenços brancos que foram distribuídos na entrada do ginásio.

“Assim, eu sempre gosto de envolver a plateia, de alguma forma, para que ela se sinta parte do espetáculo. [...] É importante para mim que eles participem, porque eu acho que uma cerimônia só é uma cerimônia, seja de abertura, seja de um espetáculo teatral, seja o que for, quando você pode fazer parte dela. Necessariamente você não tem que ficar no palco para fazer parte da cerimônia, mas envolvido de alguma forma, envolvido com voz, envolvido com um lenço, envolvido com emoção, que você perceba que há essa troca com o público.” (Professora 1, escola B)

O mesmo fenômeno de agenciamento do público tem sido observado no ambiente olímpico. Como observou Tavares (s.d.) em pesquisa de campo realizada nos Jogos Olímpicos de 2008, os estádios

<sup>6</sup> Todt (2009) aponta que o costume de soltar pombos simbolizando a paz mundial foi mantido até 1988 nos Jogos Olímpicos de Seul, onde alguns pássaros foram, acidentalmente, queimados na plataforma da pira. Assim, a tradição dos pombos foi substituída por simbolismos atinentes aos próprios pombos e à paz mundial.



possuem telões e animadores que incentivam a participação dos espectadores de maneira organizada, indicando o momento de se manifestar e até como fazê-lo. Segundo MacAloon (1984), o envolvimento de todos, auxilia a construir uma experiência sensível de transcendência de barreiras étnicas, culturais, religiosas.

O desfile das delegações participantes constitui um dos ritos universalistas da cerimônia de abertura dos JO reforçando as idéias de união e igualdade (DaMATTA, 2006). Do mesmo modo, em escala reduzida e com características distintas, as duas escolas fizeram seus desfiles ao estilo olímpico. Nos dois eventos as equipes ganharam uma identidade singular, tal como um país, mas um destaque igualitário. Na escola B, as equipes das diferentes cidades traziam símbolos que remetiam às suas identidades particulares por eles eleitas<sup>7</sup>. O Rio de Janeiro: Zé Carioca, Ubá: Ari Barroso, Brasília: lobo guará e Vitória: tartaruga marinha. Na escola A, em um cenário mais simples, as equipes eram identificados por cores. Esta estratégia, bastante comum em ambientes escolares, reorganiza as identidades escolares de maneira transversal, reunindo alunos e turmas antes separados, que se apresentam e legitimam sua nova identidade para o público e para eles mesmos no momento do desfile de abertura. Como sabemos, nos dois eventos, o desfile é o momento possível da celebração universalista da unidade na diversidade (de cidades, de cores), que será seguido pela competição que hierarquiza e segmenta.

O acendimento da pira é considerado o momento mais aguardado pelos espectadores, uma vez que como ápice do ritual em sua liminaridade, demarca a ligação com a tradição (a tocha acesa em Olímpia, na Grécia) e o início da suspensão da vida cotidiana pelo período de 15 dias em que ocorrem os Jogos. A história mostra que, por estes motivos, a escolha do atleta que acenderá a pira tem, muitas vezes, forte carga simbólica<sup>8</sup>. Como pudemos perceber, este caráter simbólico está presente nas escolhas escolares também. Nas cerimônias investigadas, a escolha foi feita de uma maneira pedagógica, em que o aluno-atleta é indicado por ter um bom desempenho tanto escolar quanto esportivo, comunicando e legitimando uma determinada mensagem.

“É a parte pedagógica da escola junto com o pessoal da Educação Física que escolhe o aluno que vai carregar a tocha. [...] É uma honraria, porque o aluno ele não tem que ser só excelente nos esportes, ele tem que ser um exemplo de um modo geral para a escola, porque ali ele acaba sendo um exemplo para os outros alunos.” (Professor 2, escola A)

Durante a abertura dos Jogos B, além de uma breve explicação acerca deste símbolo (o fogo), os espectadores presenciaram a dramatização do acendimento do fogo olímpico pelas sacerdotisas gregas, tal ritual ocorre no sítio arqueológico de Olímpia (Grécia) e marca o início do revezamento da tocha até a cidade-sede dos Jogos Olímpicos. Torna-se evidente nestes eventos escolares o conceito de “transvalorização” (Tambiah apud Peirano, 2002), uma vez que a cerimônia escolar religa-se a cerimônia olímpica e a ritualização dos valores por meio de símbolos concretos e eficazes. Isto significa que os

<sup>7</sup> A delegação de Belo Horizonte não possuía símbolos ou caracterizações .

<sup>8</sup> Por exemplo, a escolha de Muhammed Ali em 1996 (Atlanta, EUA) representou uma reparação pacifista à perda de sua medalha olímpica por ter se recusado a lutar na guerra do Vietnã. Em 2000 (Sydney, AUS) a escolha da atleta de origem aborígine Cathy Freeman representou a escolha australiana de uma identidade multicultural politicamente correta. Por outro lado, em 2008 (Beijing, CHN), a escolha de Li Ning foi uma homenagem a própria história olímpica da China.



elementos presentes nas cerimônias escolares se transformam em algo maior do que eles mesmos assumindo valores que lhes transcendem.

A cerimônia olímpica possui dois momentos estruturais demarcados: o universalista e solene e o particularista e festivo. O primeiro momento, mais formal, é constituído, dentre outros elementos, pelo desfile das delegações, o hasteamento da bandeira, acendimento da pira e juramento dos atletas. Já a parte festiva da cerimônia de abertura é composta pelo programa artístico, que, termina por ser, uma narrativa e uma celebração da identidade do país que recebe os Jogos.

Podemos perceber estes dois momentos nas cerimônias escolares também. Entretanto, as performances culturais se configuraram de maneiras distintas. O momento particularista na cerimônia B foi marcado por apresentações artísticas e teatralizações que, fundamentalmente, celebravam o carisma da instituição religiosa, sua mensagem pastoral e pelo centenário da rede de colégios no Brasil. Referências olímpicas apareceram apenas de maneira secundária em uma teatralização de práticas esportivas por crianças do sexto ano do ensino fundamental que terminava com a formação de grandes anéis olímpicos na quadra. Já nos Jogos da escola A, a cerimônia tematizou a Copa do Mundo de Futebol, redimensionada para a celebração do Brasil. Este aspecto esteve presente desde a ornamentação (verde e amarela) até o momento festivo através das vestimentas e músicas (Chica Chica Boom Chic, Brasileirinho, Aquarela do Brasil) utilizadas durante as apresentações das escolinhas de esportes. Retomando a tese de DaMatta (2006), podemos inferir que na competição da escola A, por força da referência ao futebol e a Copa do Mundo, a referência ao nacional englobou a dimensão universalística.

De acordo com Haas et al (2008, p. 324), “os países organizadores (dos JO) incutem significados nacionais próprios nos rituais, domesticando momentos tidos como ‘universais’”. Acrescenta ainda que, todos os elementos ritualísticos tradicionais são domesticados em algum grau. Desta maneira, as cerimônias escolares que emulam os rituais e valores olímpicos atribuem, de certa forma, significados e representações distintos de acordo com a realidade local.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir desta análise constatou-se que estes dois eventos emularam de alguma forma os rituais olímpicos. No entanto, na cerimônia de abertura dos Jogos da escola A, o tema da Copa do Mundo acabou por englobar as características olímpicas, as quais também estiveram presentes na cerimônia B.

Na perspectiva dos professores entrevistados, os elementos olímpicos, muitas vezes ressignificados, são indispensáveis em uma cerimônia esportiva, uma vez que retomam os rituais pomposos e espetacularizados dos JO. Assim, há uma produção de crenças na associação dos rituais escolares com os JO, estabelecendo também uma relação com os apreçados valores olímpicos em sua generalidade formal.

Podemos assentir que as cerimônias escolares celebraram tanto os valores proclamados nos JO quanto os valores da escola, estes, por sua vez, estreitamente atrelados ao discurso positivo-funcionalista do esporte no âmbito educacional. Neste contexto, encontram-se a identidade confessional das escolas e suas ideologias que regem a prática esportiva, demarcando momentos particulares nestas cerimônias.

Desta forma, diante do relativismo axiológico em que vivemos, podemos concluir que as apropriações dos valores ritualizados nos JO são singulares, baseadas na realidade local, porém coexistem com a emulação de um modelo que se propõe universal o que ajuda a explicar a intensa apropriação



formal das cerimônias olímpicas nas incontáveis olimpíadas e jogos que se realizam todos os anos em escolas Brasil a fora.

## REFERÊNCIAS

- DaCOSTA, L. P. (Org.). **Olympic Studies: current intellectual crossroads**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2000.
- DaMATTA, R. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. Tradução J. Pereira Neto. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- HAAS, A. N. et al. Cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos 2007: uma avaliação a partir de parâmetros olímpicos. In: DaCOSTA, L. P. et al. **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.
- HALL, S. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HEINEMANN, Klaus; PUIG, Núria. El deporte em La perspectiva de año 2000. **Papers**, n. 38, p. 123-141, 1991.
- JACCOUD, M.; MAYER, R. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al. **A Pesquisa Qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- KLAUSEN, A. M. (Ed.). **Olympic Games as Performance and Public Event**. New York: Bergham Books, 1995, p. 1-8.
- MacALOON, J. Olympic Games and the theory of Spectacle. In: MacAloon, J. (Org.) **Rite, drama, festival, spectacle: rehearsals toward a theory of cultural performance**. Philadelphia: Institute for the study of Human Issues, 1984.
- PEIRANO, M. (Org.). **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- PUIG, J. M. **Ética e valores: métodos para um ensino transversal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.
- STIGGER, Marco. **Esporte, Lazer e estilos de vida**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- TAVARES, O. Beijing 2008: os Jogos Olímpicos, a cidade e os espaços. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** (no prelo).
- TODT, N. As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de verão, sob uma perspectiva da Educação Olímpica. In: FILHO, A. R. R. et al (Org). **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009, v. 1, p. 111-122.

Av. Fernando Ferrari, 514, Bairro Goiabeiras



Vitória, ES  
CEP: 29075-910  
gabimedeirosef@gmail.com  
Apresentação em Data Show